

NECESSIDADE DE QUARENTENA PARA A CANNA DE AÇUCAR

Prof. D. BENTO PICKEL,

Da E. Sup. de Agricultura de S. Bento

Desde algum tempo vem chegando dos paizes açucareiros os echos sobre os trabalhos do segundo Congresso da "International Society of Sugar-Cane Technologists", celebrado em Havana em 1927.

E' muito importante o resultado desse Congresso, principalmente no que diz respeito ás doenças da canna de açucar e á necessidade de quarentena rigorosa na importação.

Julgando não ser bastante conhecido esse resultado, resumimos um relatório do Prof. dr. J. Jeswiet, representante da Industria açucareira de Java no referido Congresso, extraído da revista Riet en Biet (1928, Nov.).

O Congresso occupou-se minuciosamente da questão das variedades da canna e de sua selecção, da technica cultural e dos trabalhos agricolas e, em seguida, das pragas de insectos e especialmente das doenças da preciosa graminen, causadas por diversos agentes. No Congresso repercutiu notadamente o problema das doenças cryptogamicas deixando os Congressistas seriamente impressionados diante dos perigos da importação de cannas.

Summamente instructiva foi tambem a conferencia do dr. W. Brandes, acompanhada de numerosas projecções luminosas que calou profundamente no animo dos ouvintes. O ponto principal, em que o conferencista insistiu, foi a necessidade de quarentena para impedir a importação de novas doenças e pragas. Em um film mostrou as grandiosas installações de quarentena da Arlington Farm do Bureau of Plant Industry em Washington. Aos Estados açucareiros da America do Norte só é permitido introduzir plantas por intermedio dessa Estação de quarentena e mesmo Hawaii e as Philipinas são abastecidas pela mesma com novas formas de cannas. O dr. Jeswiet que ao regressar para Java visitara aquella Estação relata, que as cannas em observação são cultivadas em caixas fortes e fechadas, de sete metros de altura onde se podem desenvolver levemente e ficam em estudo durante dois annos. Só após este periodos de quarentena é que as cannas são remetidas ás Estações experimentaes e aos agricultores. Tomam-se todas as precauções para evitar o contagio das cannas importadas e indigenas. Em Hawaii es-

sas medidas de precaução são ainda mais escrupulosas. Essa ilha estava prohibida de importár cannas durante algum tempo, recebendo permissão para nova importação só nos ultimos annos, quando ja funcionavam as caixas de Washington. As cannas recebidas da Arlington Farm, antes de serem distribuidas são novamente submettidas à quarentena, são regadas tão somente com agua esterilizada e plantadas em recipientes especiaes. De certo este nimio escrupulo poderia ser interpretado como desconfiança na Estação de procedencia, se não fosse necessario tal cuidado.

Brandes mostrou que as doenças que estão assolando actualmente a canna de açúcar em varios paizes foram importadas. Em Porto Rico foi introduzida a gomose de Cobb, que se desenvolveu em cannas aparentemente sadias alguma annos depois. Clarke denunciou o apparecimento da doença de Fidji na Australia, importada da Nova Guiné, e a gomose de Wilbrink oriunda de Java. Myiake por sua vez provou que Formosa introduzio da Australia o parasito *Sclerospora sacchari* e de Java a Sereh, a ferrugem e a gomose de Wilbrink. Veio confirmar, essas affirmações de Brandes uma brochura, distribuida aos Congressistas e intitulada: *Some serious sugarcane diseases not known to occur in Cuba*, da lavra de I. Faris. Nesta publicação o autor prova a introdução em Cuba das seguintes doenças: Sereh, a doença de Fidji, *Sclerospora*, as gommoses de Cobb e Wilbrink, dry top rot, ustilago e puccinia. Na prefacção previne aos agricultores e desaconselha a importação de cannas sem previo exame e cultura de ensaio em uma Estação de isolamento.

Como conclusão Brandes chamou a attenção dos congressistas para a necessidade imprescindivel da criação de estações de quarentena nos paizes importadores de cannas, especialmente naquelles que não possuem cannas bravas e indigenas, hospedadoras de doenças desconhecidas (p. ex. Java) e que por sua posição isolada podem facilmente evitar a entrada de novas doenças (P. ex. Hawaii, Antilhas, Brasil). Estações de quarentena ja existem alem da de Washington, em Durban que abastece com cannas sadias o territorio sulafriicano e na Australia, que exporta para varias regiões e para as ilhas de Fidji. Brandes, finalmente, offereceu aos interessados os serviços da Estação da Arlington Farm que de boa vontade cederia cannas boas e sadias aos paizes açucareiros.

Certamente ainda sob a impressão dessas exposições de Brandes o dr. Jeswiet chega á conclusão que Java, alias possuindo boas installações de quarentena, está importado cannas sem o necessario escrupulo que a materia requer e que assim não é impossivel o contrabando de cannas. Alludin-

do ao facto que Java ja tem a maior parte de todas as molestias da canna, diz não ser necessario importar as outras, como a de Fidji e a de Cobb e recommenda o maior rigor na importação, propondo seja escolhida uma ilha ou um paiz distante do logar de destino, onde funcione a Estação de quarentena.

O Congresso, finalmente, occupou-se de maneira particular da magna questão do mosaico. Em sua these, uma das mais importantes, vam Breemen verificou a intervenção do Aphis maidis na propagação da doença, favorecida em certos annos por um conjuncto de factores meteorologicos que estimulam o apparecimento de grande numero das formas aladas desse pulgão. Brandes commentando a these recordou o facto que na occasião de uma visita aos campos de Pasoerean e Malang convencera os directores da culpabilidade desse Aphis, facto mais tarde confirmado por Wilbrink que repetiu as experiencias d'elle (Brandes) neste sentido em Cheribon, achando que o unico responsavel pela propagação do mosaico era realmente o referido Aphis.

Estes factos e echos do Congresso de Havana deixam de facto vivas impressões e suscitam serias apprehensões a respeito do futuro da preciosa graminea em o nosso paiz. Felizmente o Ministerio da Agricultura já prohibiu a importação de cannas sem o attestado de sanidade passado pelo paiz de origem, mas quem nos garante que apezar dessas cautelas sejam introduzidas novas doenças? No Brasil é permittido aos Estabelecimentos officiaes por permissoão do referido Ministerio a importação *directa* (assim parece) de cannas para experimentos culturaes (D. S. V. Appendice). E, uma vez introductas as cannas, quem nos garante que não venham com ellas varias doenças novas a despeito dos attestados e dos cuidados dos recebedores, notadamente se ainda estão em incubação? Ignoro, se no Brasil ha installações de quarentena e postos de isolamento para o cultivo das plantas introductas.

A meu ver, deveria haver uma Estação somente para o Brazil inteiro que só tivesse autorisação para importar cannas e possuisse todas as installações necessarias para quarentena e cultivo em caixas fechadas, onde possam ser cultivadas durante annos antes de serem entregues aos Campos experimentaes para multiplicação e distribuição.

Em questões desta natureza, todo o cuidado é pouco, quando se trata da defeza de uma das mais valiosas culturas do nosso paiz!

Para Estação de quarentena seria recommendavel uma ilha com clima tropical (o unico que melhor convem á canna) p. ex. a de Fernando de Noronha que offerece todas as qualidades desejeaveis para esta finalidade.

A Estação, subordinada naturalmente ao Serviço de Defeza Sanitaria Vegetal, incumbir-se-ia de abastecer o Brazil inteiro com plantas reconhecidamente sadias, sendo assim eliminado o perigo de importar novas doenças.

Intelligenti sat!

Escola Superior de Agricultura, Tapera, 20 de Março de 1929.

D. Bento Pickel